

**EDITAL Nº 01 / BHU**

**EDITAL DE SELEÇÃO PARA MONITORES REMUNERADOS E VOLUNTÁRIOS PARA AS DISCIPLINAS ABAIXO INFORMADAS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, DA FACULDADE INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI, CAMPUS JK**

A FACULDADE INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES /CURSO DE HUMANIDADES torna público que estão abertas inscrições para o processo de seleção de Monitores Remunerados e Voluntários para as unidades curriculares (disciplina) listadas no anexo I.

**1- DOS OBJETIVOS**

1.1 Proporcionar aos discentes a participação efetiva e dinâmica em projeto acadêmico de ensino, no âmbito de determinada unidade curricular, sob a orientação direta do docente responsável pela mesma.

**2- DAS VAGAS**

2.1 Será(ão) oferecida(s) **09** vagas para monitores remunerados e nenhuma vaga(s) para monitor(es) voluntário(s), distribuídas nas unidades curriculares objeto do presente Edital, conforme descrito no Anexo I.

2.2 A classificação dos candidatos aprovados se dará pela ordem decrescente da nota atribuída no processo seletivo objeto do presente Edital.

2.3 Havendo vaga(s) para monitor(es) dentro do período de validade deste Edital, esta(s) poderá(ão) ser imediatamente ocupada(s) por outro(s) discente(s) aprovado(s), respeitada a ordem classificatória.

**3- DAS INSCRIÇÕES**

3.1 Poderão inscrever-se para o exame de seleção os discentes:

- a) Regularmente matriculados em um dos Cursos de Graduação da UFVJM
- b) Que comprovem já ter obtido aprovação na unidade curricular objeto da seleção, ou equivalente, com média igual ou superior a 70,0 (setenta) pontos.

3.2 Não se inscrevendo nenhum candidato que apresente aproveitamento compatível com o previsto no item anterior, poderão candidatar-se, a critério do professor supervisor, discentes que apresentem rendimento superior a 60,0 (sessenta).

3.3 Para se inscrever, o candidato deverá entregar: Formulário de Inscrição devidamente preenchido (ANEXO III) – Histórico Escolar (Imprimir do SIGA) com os dados do candidato contendo obrigatoriamente a nota da disciplina objeto.

3.3.1 A documentação necessária para inscrição deverá ser entregue no período de **14 a 16 de maio de 2018**, no horário de 8 às 12 e 13 às 21h, na Secretaria I, sala 51, 2º piso, prédio da FIH.

#### 4- DA SELEÇÃO

4.1 A seleção dos candidatos será feita mediante realização de avaliação específica sobre o conteúdo programático da unidade curricular.

4.2 Será considerado aprovado no exame de seleção, o candidato que obtiver nota final igual ou superior a 60% (sessenta por cento).

4.3 Ocorrendo empate no resultado de seleção, serão observados para efeito de desempate, pela ordem, os seguintes critérios:

- a) Maior nota na unidade curricular objeto da seleção
- b) Maior CRA
- c) Candidato com maior idade

4.4 Este processo seletivo será válido por um semestre letivo, podendo ser prorrogado por igual período, dentro do mesmo ano letivo, a critério do professor supervisor responsável pela unidade curricular, condicionado ao resultado da avaliação da monitoria exercida na respectiva unidade curricular, conforme o disposto na Resolução CONSEPE nº 55/2017.

4.4.1 Não havendo candidato classificado neste processo seletivo, poderá ser publicado novo Edital para seleção de monitores.

4.4.2 O quantitativo de bolsas de monitoria não utilizadas deverá ser comunicado à Prograd pelo Diretor da Unidade Acadêmica até **21/05/2018**.

#### 5- DAS AVALIAÇÕES

5.1 A avaliação será realizada na data, horários e locais especificados no Anexo I deste Edital.

5.2 O candidato deverá comparecer ao local das provas no horário estabelecido, portando documento de identidade e Histórico Escolar (impresso através do SIGA).

5.3 O conteúdo da Avaliação e a Bibliografia de Referência estão descritos para cada unidade curricular no Anexo II deste Edital.

## 6- DO RESULTADO

6.1 O resultado do processo seletivo será divulgado pela Unidade Acadêmica, no prazo máximo de 5 (cinco) dias úteis após a sua realização.

6.2 Caberá à direção da Unidade Acadêmica realizar a homologação do resultado, comprovando a correta execução do processo seletivo, para encaminhamento à Prograd e implementação da bolsa.

## 7- DOS RECURSOS

7.1 Havendo recursos contra o processo seletivo, estes deverão ser encaminhados em primeira instância, à Congregação da Unidade Acadêmica.

7.2 O prazo para interposição de recurso é de 2 (dois) dias úteis, incluído o dia da divulgação do resultado do processo seletivo.

## 8- DA ADMISSÃO E EXERCÍCIO DA MONITORIA

8.1 A admissão no Programa de Monitoria obedecerá à ordem de classificação dos candidatos, de acordo com as vagas existentes.

8.2 As atividades do monitor obedecerão, em cada semestre letivo, a um Plano de Trabalho, elaborado pelo Professor Supervisor.

8.3 O monitor se comprometerá a dedicar 12 (doze) horas semanais às atividades de monitoria, previstas no Plano de Trabalho mencionado anteriormente, em horário a ser determinado pelo Professor Supervisor, bem como cumprir as demais atribuições dispostas no Art. 8º da Resolução CONSEPE nº 55/2017.

8.4 As atividades de monitoria não poderão, em hipótese alguma, prejudicar as atividades acadêmicas do monitor.

8.5 A monitoria será exercida somente em dias letivos, considerando o Calendário Acadêmico vigente.

## 9- DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

9.1 Caberá ao Professor Supervisor elaborar e controlar o horário do monitor e a execução do Plano de Trabalho, bem como cumprir as demais atribuições constantes no Art. 7º da Resolução CONSEPE nº 55/2017.

9.2 A monitoria voluntária obedecerá aos mesmos critérios e prazos estabelecidos para a monitoria remunerada, exceto no que tange ao caráter financeiro.

9.3 A bolsa de monitoria tem caráter transitório, não é acumulável com outro tipo de bolsa no âmbito da UFVJM, exceto bolsas de auxílio, as quais não envolvem nenhum tipo de atividade desenvolvida pelo beneficiário.

9.4 A bolsa monitoria não é acumulável com empregos de quaisquer naturezas ou estágios remunerados, e não gera vínculo empregatício.

9.5 Dentro do mesmo semestre letivo não será permitido o exercício simultâneo de monitoria pelos discentes, ainda que seja em caráter voluntário.

9.6 O discente e o docente que se inserem no Programa de Monitoria, como monitor ou supervisor, respectivamente, comprometem-se com o cumprimento do estabelecido na íntegra da Resolução CONSEPE nº 55/2017.

9.7 Os casos omissos ou situações não previstas serão resolvidos pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CONSEPE.

Local/data: Diamantina, 10/05/2018.

---

Diretor da Unidade Acadêmica  
(sigla da Unidade Acadêmica)/UFVJM

**ANEXO I – RELAÇÃO DO NÚMERO DE VAGAS E SALAS PARA A REALIZAÇÃO  
DAS AVALIAÇÕES**

**Monitoria Remunerada e Voluntária:**

Conteúdo/Disciplina Objeto	Vagas para monitoria remunerada	Vagas para monitoria voluntária	Data	Local	Horário
BHU 189 - Psicologia Do Desenvolvimento Adulto	01	00	17/05/18 5ª feira	Sala 50 do Prédio da FIH	14:00
BHU 127- Introdução À Psicologia	01	00	17/05/18 5ª feira	Sala 50 do Prédio da FIH	14:00
BHU 081 - Direitos Humanos	01	00	18/05/2018 6ª feira	Sala 86 do Prédio da FIH	a partir das 14h
BHU História E Cidadania No Brasil	01	00	18//05/2018 6ª feira	Sala 86 do Prédio da FIH	a partir das 16h
BHU 644- Economia Brasileira	01	00	17/05/18 5ª feira	sala 45 Prédio da FIH	das 14 às 18h30
BHU 135 Metodologia Da Pesquisa Científica	01	00	17/05/18, 5ª feira	Sala 67 Prédio da FIH	<u>15h</u>
BHU136 - Projeto De Pesquisa	01	00	17/05/18 5ª feira	Sala 67 Prédio da FIH	<u>17h</u>
BHU 187 - Teoria Do Conhecimento E Epistemologia	02	00	18/05/18 6ª feira	Sala 67 , prédio da FIH	14h
	<b>09</b>	00			

**ANEXO II - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO POR DISCIPLINA**

DISCIPLINA	CONTEÚDO	BIBLIOGRAFIA
BHU 189 - Psicologia do desenvolvimento adulto	<p>BLOCO 1: Fundamentos epistemológicos do desenvolvimento humano</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreensão do ser humano como pessoa</li> <li>- A pessoa em relação: família, comunidade, sociedade, cultura.</li> <li>- Desenvolvimento como formação da pessoa</li> </ul> <p>BLOCO 2: Principais teorias da Psicologia do Desenvolvimento</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Categorias fundamentais da Psicologia do Desenvolvimento</li> <li>- Autores clássicos da Psicologia do Desenvolvimento</li> <li>- Novas perspectivas em Psicologia do Desenvolvimento</li> </ul> <p>BLOCO 3: Psicologia do Desenvolvimento: adolescência</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A adolescência como constructo social</li> <li>- Adolescência: aspectos biológicos, afetivos, cognitivos e socioculturais</li> <li>- O adolescente no mundo da família, da escola e do trabalho</li> <li>- O adolescente e o sentido da vida</li> </ul> <p>BLOCO 4: Psicologia do Desenvolvimento: adulto</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O adulto como constructo social</li> <li>- Adulto: aspectos biológicos, afetivos, cognitivos e socioculturais</li> <li>- O adulto no mundo da família, da escola e do trabalho</li> <li>- O adulto e o sentido da vida</li> </ul> <p>BLOCO 5: Psicologia do Desenvolvimento: idoso</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O idoso como constructo social</li> <li>- Idoso: aspectos biológicos, afetivos, cognitivos e socioculturais</li> <li>- O idoso no mundo da família, da escola e do trabalho</li> <li>- O idoso e o sentido da vida: sobre o envelhecimento, a morte e o morrer</li> </ul>	<p><b>Bibliografia básica :</b>            ARAUJO, L. F.; FALCÃO, D.V.S. (Orgs) Psicologia do Envelhecimento. Campinas: Alínea, 2009.            ARIÉS, P. O homem diante da morte. São Paulo: Francisco Alves, 1990.            COLL, C.; MARCHESI, A.; PALÁCIOS, J. (Orgs) Desenvolvimento e psicologia da educação: psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artmed, 2004. v.1.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b>            FALCÃO, D.V.S.; DIAS, C.M.S.B. (Orgs) Maturidade e Velhice: Pesquisa e Intervenções Psicológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.            GRIFFA, M. C; MORENO, J. E. Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento: Adolescência, vida adulta e velhice. V.2. São Paulo: Paulinas, 2001.            KROM, M. Família e Mitos: Prevenção e terapia, resgatando histórias. São Paulo: Summus, 2000.            NOGUEIRA, M.O.G. Aprendizagem do aluno adulto, implicações para a prática docente no ensino superior. Curitiba: IBPEX, 2010.            PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento Humano. Porto Alegre: Artmed, 2006.</p>

<p align="center">BHU 127- Introdução à Psicologia</p>	<p><b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:</b></p> <p>BLOCO 1: História e Epistemologia da Psicologia</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- História das Ideias Psicológicas</li> <li>- Bases Epistemológicas da Psicologia</li> </ul> <p>BLOCO 2: A Emergência da Psicologia como Ciência</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O Contexto Histórico e Cultural do surgimento da Psicologia como Ciência</li> <li>- A psicologia e sua diversidade de perspectivas</li> </ul> <p>BLOCO 3: Abordagens da Psicologia (Behaviorismo, Psicanálise, Histórico-cultural, Cognitivismo, Fenomenologia, Gestalt, Existencialismo, Humanismo)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Fundamentos históricos, epistemológicos e metodológicos</li> <li>- Principais conceitos e contribuições</li> <li>- Possibilidades de intervenção</li> </ul> <p>BLOCO 4: Tópicos emergentes em Psicologia</p>	<p><b>Bibliografia básica:</b> BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002. ALBERTINI &amp; FREITAS. (2009) Fundamentos da psicologia: Jung e Reich. RJ: Guanabara. GLASSMAN, W. E.; HADAD, M. Psicologia, abordagens atuais. Porto Alegre: Artmed, 2006. HERRMANN, F. O que é a psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 2006. PAPALIA, DIANE E.; OLDS, SALLY WENDKOS; FELDMAN, RUTH DUSKIN. Desenvolvimento humano. 8.ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006 PATTO, M. H. S.; FRAYZE-PEREIRA, J. A. (Orgs). Pensamento cruel, humanidades e ciências humanas: há lugar para a psicologia? São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b> AMATUZZI, M. M. Por uma psicologia humana. Campinas: Alínea, 2001. BASTOS, A. V. B.; ROCHA, N. M. D. (orgs). Psicologia. Novas direções no diálogo com outros campos de saber. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. CARPIGIANI, B. Lugares da Psicologia. São Paulo: Vetor, 2008 DAVIDOFF, L. L. Introdução à psicologia. São Paulo: McGraw-Hill, 1983. GAZZANIGA, M. S., &amp; HEATHERTON, T. F. Ciência Psicológica. Mente, Cérebro e Comportamento. Porto Alegre: ArtMed, 2005. GOODWIN, C. J. História da psicologia moderna. São Paulo, Cultrix, 2005. MYERS, DAVID. Introdução à psicologia Geral. Rio de Janeiro: LTC, 1999 MORVAL. J. Psicologia ambiental. Lisboa: Instituto Piaget, 2009. PENNA, A. G. Introdução à psicologia do Séc. XX. Porto Alegre: Imago Editora, 2004. PFROMM NETTO, S. Psicologia da aprendizagem e do ensino. São Paulo: EPU, 1987. PFROMM NETTO, S. Psicologia guia de estudo. São Paulo: EPU, 1985. ROSENFELD, A. O pensamento psicológico. São Paulo: Perspectiva, 2006. VYGOTSKI, L.S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (1988) Linguagem, desenvolvimento e Aprendizagem. São Paulo, Ícone. 228.</p>

<p align="center"><b>Bhu 081 - Direitos humanos</b></p>	<p><b>Conteúdo programático:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conceitos, definições e diferenças entre os direitos e a lei, cidadania</li> <li>2. Contexto Histórico</li> <li>3. Universalismo X Relativismo: conceitos</li> <li>4. DH, A DDH e a Constituição de 88</li> <li>5. Conflito e violência</li> <li>6. Saúde e Vida, Alimentação</li> <li>7. Campo e Cidade</li> <li>8. Educação e Trabalho</li> <li>9. Diversidade e Seguridade Social</li> <li>10. Mediação do Conflito, Processo Judicial e Movimento Social</li> </ol>	<p><b>Bibliografia básica:</b></p> <p>REALE, M. Licoes Preliminares de Direito. Sao Paulo, editora Saraiva, 2007, 27a ed.</p> <p>SYMONIDES, J. Direitos humanos: novas dimensoes e desafios. Brasilia, edicoes UNESCO, 2003, (<a href="http://www.dominiopublico.gov.br">www.dominiopublico.gov.br</a>. acessado em 11/06/2014).</p> <p>VENTURI, G. Direitos Humanos percepcoes da opiniao publica: analise de pesquisa nacional. Brasilia, Secretaria de Direitos humanos - presidencia da republica do Brasil, 2010, 1a ed. (<a href="http://portal.mj.gov.br/sedh/biblioteca/livro_percpcoes/percepcoes.pdf">http://portal.mj.gov.br/sedh/biblioteca/livro_percpcoes/percepcoes.pdf</a>, acessado em 11/06/2014).</p> <p><b>Bibliografia Complementar</b></p> <p>VIEIRA, Liszt. Cidadania e globalizacao. Rio de Janeiro: editora Record, 1997.</p> <p>SOARES, Luiz Eduardo. Geografia da Violencia no Rio de Janeiro. In: Folha de Sao Paulo. 30.10.2004. Acesso em: 21 abril 2004. Disponível em: <a href="http://www.luizeduardosoares.com.br/artigo_ind.php?categoria=seguranca">http://www.luizeduardosoares.com.br/artigo_ind.php?categoria=seguranca</a>.</p> <p>SILVA JR, Hedio. Direito de igualdade racial: aspectos constitucionais, civis e penais: doutrina e jurisprudencia. Sao Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2002.</p> <p>SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepcao multicultural de Direitos Humanos. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo liberal. Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira, 2003.</p> <p>RAMOS, Andre de Carvalho. Direitos humanos em juizo. Sao Paulo: Max Limonad, 2001.</p> <p>PIOVESAN, Flavia. Direitos humanos e justica internacional. Sao Paulo: Saraiva, 2006.</p> <p>PIOVESAN, Flavia e IKAWA, Daniela Ribeiro. O Tribunal Penal Internacional e Direito Brasileiro. In: PIOVESAN, Flavia. Temas de Direitos Humanos. Sao Paulo: Max Limonad, 2003.</p> <p>LIMA JUNIOR, Jayme Benvenuto. Os direitos humanos economicos, sociais e culturais. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.</p> <p>DORNELLES, Joao Ricardo. O que sao direitos humanos? Sao Paulo: Brasiliense, 1989.</p> <p>BOBBIO, Norberto. A era dos direitos. Rio de Janeiro: Campus, 1992. p. 15-47.</p> <p>ALMEIDA, Fernando Barcellos de. Teoria Geral dos Direitos Humanos. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris, 1996.</p> <p>ALBUQUERQUE MELO, Celso. Curso de Direito Internacional Publico. 13a edicao. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.</p> <p>COMPARATO, Fabio Konder. A afirmacao historica dos direitos humanos. Sao Paulo: Saraiva, 2008.</p>
---	--	---

<p><b>UC: História e Cidadania no Brasil</b> <b>Conteúdo programático:</b></p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. conceito de cidadania</li> <li>2. historia da cidadania no mundo</li> <li>3. historia da cidadania no Brasil</li> <li>4. cidadania no Brasil - mundo do trabalho</li> <li>5. cidadania no Brasil - etnicidade</li> <li>6. cidadania no Brasil - gênero</li> <li>7. cidadania no Brasil - meio ambiente</li> <li>8. cidadania no Brasil - direitos difusos e minorias</li> <li>9. cidadania no Brasil - democracia e liberdade de expressão</li> </ol>	<p><b>Bibliografia básica:</b> CARVALHO, Jose Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira, 2002. DAGNINO, Evelina (org.). Anos 90: Política e Sociedade no Brasil. SP: Brasiliense. 1994. PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). Historia da Cidadania. Sao Paulo, Ed. Contexto, 2003.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b> BECKER, Antonio e CAVALCANTI, Vanuza. Constituicoes brasileiras de. 1824 a 1988. Rio de Janeiro: Letra Legal, 2004. CARVALHO, Jose Murilo de (Org.). Nacao e cidadania no Imperio: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira, 2007. DALLARI, Dalmo. Direitos Humanos e Cidadania. Sao Paulo: Moderna, 1998. DANTAS, Monica Duarte (Org. ). Revoltas, motins revolucoes: homens livres pobres e libertos no Brasil do seculo XIX. Sao Paulo: Alameda Editorial, 2011. SANTOS, B. S. (ORG.) Democratizar a Democracia: os caminhos da Democracia Participativa. Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira, 2002.</p>
<p><b>Economia brasileira</b></p>	<p><b>Conteúdo programático:</b> A crise do modelo agrário – exportador e o advento da industrialização. O processo de industrialização por substituição de importações. O Plano de Metas e a crise política e econômica dos anos 60. A retomada do crescimento e o milagre econômico brasileiro. O II PND, a crise da Dívida Externa e o fim de um modelo de desenvolvimento. A estabilização monetária e a política econômica do Plano Real. A economia brasileira pós-estabilização e as perspectivas atuais.</p>	<p><b>Bibliografia Básica</b> ABREU, Marcelo de Paiva; CARNEIRO, Dionisio Dias. A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana, 1889-1989. 9. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998. FURTADO, C. Formação econômica do Brasil, São Paulo: Nacional, 1984. GREMAUD, Amaury Patrick; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de; TONETO JÚNIOR, Rudinei. Economia brasileira contemporânea. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012. MARQUES, Rosa Maria; RÉGO, José Márcio (Org.). Economia brasileira. 5. ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2013. ALMEIDA, J. S. G.; BELLUZZO, L. G. M. Depois da queda: a economia brasileira da crise da dívida aos impasses do Real. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2002. CARNEIRO, R. Desenvolvimento em crise: a economia brasileira no último quarto do século XX. São Paulo: Ed. Unesp, 2002. OLIVEIRA, F. A. Política econômica, estagnação e crise mundial (1980-2010). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2012.</p> <p><b>Bibliografia Complementar</b> BAER, M. O rumo perdido: a crise fiscal e financeira do Estado Brasileiro. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1994. BATISTA, P. N. O Consenso de Washington: a visão neoliberal dos problemas latino-americanos. Disponível em: &lt;<a href="https://goo.gl/YCZJKQ">https://goo.gl/YCZJKQ</a>&gt;. Acesso em 04 nov 2016. CALIXTRE, A.; BIANCARELLI, A.; CINTRA, A. C. M (ed.). Presente e futuro do</p>

		<p>desenvolvimento brasileiro. Brasília: Ed. Ipea, 2014. Disponível em: &lt;<a href="https://goo.gl/IOMH3S">https://goo.gl/IOMH3S</a>&gt;. Acesso em 04 nov 2016.</p> <p>CANO, W. (Des)industrialização e (Sub)desenvolvimento. Cadernos do Desenvolvimento, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 15, jul-dez 2014. Disponível em: &lt;<a href="https://goo.gl/SrcQx0">https://goo.gl/SrcQx0</a>&gt;. Acesso em 04 nov 2016.</p> <p>CARVALHO, C. E. As origens e a gênese do Plano Collor. Nova Economia, Belo Horizonte, 16 (1), jan-abr 2006. Disponível em &lt;<a href="https://goo.gl/yR9cF2">https://goo.gl/yR9cF2</a>&gt;. Acesso em 07 nov 2016.</p> <p>CINTRA, M. A. Suave fracasso: a política econômica brasileira entre 1999 e 2005. Novos Estudos, n. 73, 2005. Disponível em: &lt;<a href="https://goo.gl/OpZJq2">https://goo.gl/OpZJq2</a>&gt;. Acesso em 04 nov 2016.</p> <p>CINTRA, M. A.; FARHI, M. A crise financeira e o global shadow banking system. Novos Estudos, n. 82, 2008. Disponível em: &lt;<a href="https://goo.gl/JXCFFb">https://goo.gl/JXCFFb</a>&gt;. Acesso em: 04 nov 2016.</p> <p>CRUZ, P. D. C. Endividamento externo e transferência de recursos reais ao exterior: os setores público e privado na crise dos anos oitenta. Nova Economia, Belo Horizonte, v. 4, n.1, ago 1995. Disponível em: &lt;<a href="https://goo.gl/kuVhhW">https://goo.gl/kuVhhW</a>&gt;. Acesso em 04 nov 2016.</p> <p>GIAMBIAGI, F. Et al. (org.) Economia Brasileira Contemporânea (1945-2004). Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2005.</p> <p>GIAMBIAGI, F.; MOREIRA, M. M. A economia brasileira nos anos 90. Rio de Janeiro: BNDES, 1999. Disponível em: &lt;<a href="https://goo.gl/cnAt6K">https://goo.gl/cnAt6K</a>&gt;. Acesso em: 08 nov 2016.</p> <p>FILGUEIRAS, L. História do Plano Real: fundamentos, impactos e contradições. São Paulo: Boitempo, 2000.</p> <p>FILGUEIRAS, L.; GONÇALVES, R. A economia política do Governo Lula. São Paulo: Ed. Contraponto, 2007.</p> <p>FIORI, J. L. (org.). O poder americano. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.</p> <p>FIORI, J. L.; TAVARES, M. C. (org.). Poder e dinheiro: uma economia política da globalização. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.</p> <p>FRANCO, G. O Plano Real e outros ensaios. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1995.</p> <p>LACERDA, A. C. Et al. (org.). Economia Brasileira. São Paulo: Ed. Saraiva, 2006.</p> <p>LACERDA, A. C. (org.). Desnacionalização: mitos, riscos e desafios. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.</p> <p>LAPLANE, M.; COUTINHO, L.; HIRATUKA, C. (org.). Internacionalização e desenvolvimento da indústria no Brasil. São Paulo: Ed. UNESP, 2003. Disponível em :&lt;<a href="https://goo.gl/PMWfRZ">https://goo.gl/PMWfRZ</a>&gt;. Acesso em 06 nov 2016.</p> <p>MARQUES, R.; FERREIRA, M. J. (org.). O Brasil sob a nova ordem: uma análise dos Governos Collor a Lula. São Paulo: Ed. Saraiva, 2010.</p> <p>PAULA, J. A. (org.). Adeus ao desenvolvimento: a opção do governo Lula. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2005.</p> <p>PAULANI, L. Acumulação sistêmica, poupança</p>
--	--	--

		<p>externa e rentismo: observações sobre o caso brasileiro. Estudos Avançados, São Paulo, 27 (77), 2013. Disponível em: &lt;<a href="https://goo.gl/lI0rdX">https://goo.gl/lI0rdX</a>&gt;. Acesso em 09 nov 2016.</p> <p>PINTO, E. C.; GONÇALVES, R. Globalização e poder efetivo: transformações globais sob o efeito da ascensão chinesa. Economia e Sociedade, Campinas, v. 24, n. 2 (54), pp. 49-479, ago 2015. Disponível em: &lt;<a href="https://goo.gl/fwY3Q0">https://goo.gl/fwY3Q0</a>&gt;. Acesso em 06 nov 2016.</p> <p>SALAMA, P. China-Brasil: industrialização e desindustrialização precoce. Cadernos do Desenvolvimento, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, jan-jun 2012. Disponível em: &lt;<a href="https://goo.gl/GBaXoL">https://goo.gl/GBaXoL</a>&gt;. Acesso em 04 nov 2016.</p> <p>SARTI, F. LAPLANE, M. O investimento direto estrangeiro e a internacionalização da economia brasileira nos anos 1990. Economia e Sociedade, Campinas, v. 11, n.1 (18), pp. 63-94, jan-jun 2002. Disponível em: &lt;<a href="https://goo.gl/F9Uzzu">https://goo.gl/F9Uzzu</a>&gt;. Acesso em 06 nov 2016.</p> <p>SERRANO, F. Juros, câmbio e o sistema de metas de inflação no Brasil. Revista de Economia Política, São Paulo, vol. 30, n. 1, mar 2010. Disponível em: &lt;<a href="https://goo.gl/Pclmfv">https://goo.gl/Pclmfv</a>&gt;. Acesso em 11 nov 2016.</p> <p>SILVA, A. L. G.; LAPLANE, M. Dinâmica recente da indústria brasileira e desenvolvimento competitivo. Economia e Sociedade, Campinas, vol. 3, n. 1 (3), dez. 1994. Disponível em: &lt;<a href="https://goo.gl/jyQXjA">https://goo.gl/jyQXjA</a>&gt;. Acesso em 06 nov 2016.</p> <p>TEIXEIRA, R.; PINTO, E. C. A economia política dos governos FHC, Lula e Dilma: dominância financeira, bloco no poder e desenvolvimento econômico. Economia e Sociedade, Campinas, n. 21, dez 2012. Disponível em: &lt;<a href="https://goo.gl/rzO264">https://goo.gl/rzO264</a>&gt;. Acesso em 04 nov 2016.</p> <p>WILLIAMSON, J. Reformas políticas na América Latina na década de 80. Revista de Economia Política, São Paulo, vol. 12, n. 1 (45) jan-mar 1992. Disponível em: &lt;<a href="https://goo.gl/oPNKKo">https://goo.gl/oPNKKo</a>&gt;. Acesso em 07 nov 2016.</p>
--	--	---

<p align="center"><b>METODOLOGIA PESQUISA CIENTÍFICA</b></p>	<p align="center"><b>DA</b></p> <p>Conceito de Ciência/cientificidade; formas de pensamento; pesquisa: abordagem conceitual e formal; métodos e técnicas de pesquisa científica e tecnológica; estratégias de análise, sistematização de alguns dos gêneros textuais que dão suporte e/ou resultam da pesquisa científica e tecnológica: resumo, fichamento, relatório, artigo, monografia, referências bibliográficas segundo normas ABNT.</p>	<p><b>Bibliografia básica:</b>          CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de. Construindo o Saber. 11 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1989.175 p.          CERVO, A.; BERVIAN, P.A &amp; SILVA, R.. Metodologia Científica. 6 ed. São Paulo: Pearson PrenticeHall, 2007.          DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 2001. 120p.          FRANÇA, Júnia Lessa (org.). Manual para normalização de publicações técnico-científicas. 8. ed. rev. e ampl. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.          SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2000.          APOLINÁRIO, Fábio. Metodologia da ciência; filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.          FRANÇA, Júnia Lessa. Manual para normalização de publicações técnico-científicas. 6. Ed. rev. E aum.. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.          MEDEIROS, João Bosco. Redação científica; a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b>          ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Informação e documentação – Referências – Elaboração: NBR 6023. São Paulo: ABNT, 2002. 24 p.          _____. Informação e documentação – Numeração progressiva das seções de um documento escrito – Apresentação: NBR 6024. São Paulo: ABNT, 2003. 3p.          _____. Informação e documentação – Livros e folhetos - Apresentação: NBR 6029. São Paulo: ABNT, 2006. 10 p.          _____. Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação: NBR 10520. São Paulo: ABNT, 2002. 7 p.          _____. Informação e documentação – Trabalhos Acadêmicos – Apresentação: NBR 14724. São Paulo: ABNT, 2005. 9p.          _____. Informação e documentação – Projeto de Pesquisa – Apresentação: NBR 15287. São Paulo: ABNT, 2005. 6 p.          LAGE, B. &amp; MILONE, P. Bases para a Elaboração de um Trabalho Científico. In: Turismo: Teoria e Prática. . 1.ed. São Paulo: Atlas, 2000          LAKATOS, E. &amp; MARCONI, M.A. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 1983.          RUIZ, J.A. Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.          SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 20 ed. São Paulo: Cortez, 1996.          LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. A construção do saber; manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, Ltda. ;Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.          MACHADO, Anna Rachel (coord.). Resumo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. (leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos;          MACHADO, Anna Rachel (coord.). Resenha. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. (leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos;          MACHADO, Anna Rachel (coord.). planejar</p>
--	---	---

		gêneros acadêmicos. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos;3)
<b>PROJETO DE PESQUISA</b>	Apresentar ao estudante os principais métodos e técnicas de pesquisa quantitativa e qualitativa para as ciências humanas, como história oral, pesquisa de campo, entrevista, survey, pesquisa documental e outros. Possibilitar a redação do projeto de pesquisa para o TCC, pré-requisito básico para a formação do bacharel.	<p><b>Bibliografia complementar:</b>  APPOLINÁRIO, Fabio. Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.  FLICK, U. Desenho da Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.  KÖCHE, José Carlos. Fundamentos da metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa. 16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.  TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.  TRUJILLO, F. Alfonso. Metodologia da pesquisa científica. São Paulo: McGraw-Hill, 1982.  VIEGAS, Waldyr. Fundamentos de metodologia científica. Brasília: Editora da UnB/Paralelo 15, 1999.</p> <p><b>Bibliografia básica:</b>  BOTH, S.J.; SIQUEIRA, C.J de Souza. Metodologia científica faça fácil sua pesquisa. Tangará da Serra, MT: Editora São Francisco, 2004.  OLIVEIRA, Silvio Luiz de. Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses. São Paulo: Pioneira, 1997.  POPPER, Karl S. A lógica da pesquisa científica. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1975.  RAMON Y CAJAL, Santiago. Regras e conselhos sobre a investigação científica. 3.ed. São Paulo:  REA, L.M., PARKER, R.A. Metodologia de pesquisa. São Paulo: Pioneira, 2000.  RUDIO, V. V. Introdução a projetos de pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1980.  SAMPIERI, Roberto Hernández. Metodologia da Pesquisa. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.  SANTOS, J.A., PARRA FILHO, D. Metodologia científica. São Paulo: Futura, 1998.</p> <p><b>Bibliografia complementar:</b>  APPOLINÁRIO, Fabio. Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.  FLICK, U. Desenho da Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.  KÖCHE, José Carlos. Fundamentos da metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa. 16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.  TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.  TRUJILLO, F. Alfonso. Metodologia da pesquisa científica. São Paulo: McGraw-Hill, 1982.  VIEGAS, Waldyr. Fundamentos de metodologia científica. Brasília: Editora da UnB/Paralelo 15, 1999.</p>
<b>BHU 187 - TEORIA DO CONHECIMENTO E EPISTEMIOLOGIA</b>	<b>Vide Anexo IV</b>	<b>Vide Anexo IV</b>

ANEXO III – FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO SELEÇÃO DE MONITORES REMUNERADOS E VOLUNTÁRIOS			
NOME COMPLETO:			
Nº. MATRÍCULA:	CPF:	IDENTIDADE:	PERÍODO:
DATA DE NASCIMENTO:	NATURALIDADE:	SEXO: ( ) Masculino ( ) Feminino	
ENDEREÇO RESIDENCIAL (Rua/Av.):			
BAIRRO:	CEP:	CIDADE:	UF:
E-MAIL:			
TELEFONE RESIDENCIAL:		CELULAR:	
DISCIPLINA OBJETO (conforme consta no edital):			
<b>DECLARAÇÃO</b>			
Declaro estar ciente e de acordo com os termos e condições deste Edital e da Resolução CONSEPE vigente, a qual normatiza o Programa de Monitoria na UFVJM.			
Local/data: _____, ____ de _____ de _____.			
_____ ASSINATURA DO CANDIDATO PARA USO DA SECRETARIA			
Observação: ( ) Inscrição deferida ( ) Inscrição indeferida			
_____			
_____			
_____			

## ANEXO IV – ORIENTAÇÕES PARA SELEÇÃO DE MONITORIA UC Teoria do Conhecimento e Epistemologia

### AULA 1

#### O CONHECIMENTO E SUA NECESSIDADE

O ser humano se constituiu de uma experiência inusitada ao perceber que estava no mundo

O mundo se tornou, ao mesmo tempo, sua MORADIA, seu DESCONHECIDO, sua INIMIGA

Era então preciso aprender a CONHECER O MUNDO

A dar ao MUNDO UM SENTIDO, UMA EXISTÊNCIA

Foi preciso CONHECER e se DEFENDER do mundo

As FORÇAS DA NATUREZA sempre agiram para OPRIMIR a CONDIÇÃO HUMANA

O homem sempre esteve entre o MEDO e o CONHECIMENTO

O MEDO arrancou do HOMEM a sua capacidade de compreensão e CONTROLE DO MUNDO

Os deuses não podem livrar os homens do seu medo, pois são as vozes petrificadas do medo que eles trazem como nome. Do medo o homem presume estar livre quando não há nada mais de desconhecido. É isso que determina o trajeto da desmitologização e do esclarecimento, que identifica o animado do inanimado, assim como o mito identifica o inanimado ao animado. O esclarecimento é a radicalização da angústia mítica. 1

1 Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 26

2 MARCUSE, Herbert. **Materialismo histórico e existência**. Introdução, tradução e notas de Vamireh Chacon, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968, p. 127.

Mas a NECESSIDADE DE SOBREVIVER constituiu no homem a capacidade de CONHECER

Em outras palavras

ERA PRECISO ESCLARECER O MUNDO

TORNÁ-LO CLARO PARA A PRÓPRIA CONSCIÊNCIA HUMANA

O HOMEM não conhece SOZINHO

O HOMEM não realiza uma CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL

O HOMEM NÃO SE FAZ COMO SER SÓ

O HOMEM se FAZ HOMEM-SOCIAL

A relação homem-natureza implica a totalidade prática que caracteriza sua condição, essencial para a compreensão do mundo por parte do homem e o estar nele (mundo). O que aproxima historicamente o homem da natureza é a necessidade, essa relação dialética não se mostra exclusiva em uma das esferas dessa relação, mas expressa-se como totalidade que se efetiva historicamente, uma vez que:

"Só agora, depois que se concretizou a totalidade do ente humano, enquanto unidade de homem e natureza, através da objetivação prática-social"<sup>2</sup>.

Uma totalidade que implica a relação de dependência do homem em relação à natureza – sua existência é existência histórica cujo elemento de mediação é a necessidade.

Mas devemos considerar as forças que impelem o homem à dominação da natureza, aspecto este que mostra uma das faces da longa experiência com a natureza.

O HOMEM, dessa forma, É CONSTRUÍDO NAS RELAÇÕES ENTRE OUTROS SERES HUMANOS, ENTRE A NATUREZA E ENTRE AS CONDIÇÕES REAIS DADAS

O HOMEM SE TORNA UM HOMEM-SOCIAL

UM HUMANO SOCIAL

NÃO APENAS UM SER HUMANO

**ESTE SER HUMANO É FRUTO DE RELAÇÕES**

PORTANTO

SEU CONHECIMENTO É FRUTO DE UM PROCESSO

O CONHECIMENTO SE TORNA UMA NECESSIDADE HISTÓRICA

Era preciso CONHECER

PARA DAR SENTIDO

SOBREVIVER

RELACIONAR

SER RELACIONADO

Com isto,

O HOMEM FOI OBRIGADO A CONHECER

Mas quando a SOCIEDADE chega num nível de organização em que o CONHECIMENTO se torna quase um SUPÉRFLUO, ser esclarecido tem outra SIGNIFICAÇÃO

*Esclarecimento (Aufklärung) significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro. É a si próprio que se deve atribuir essa minoridade, uma vez que ela não resulta da falta de entendimento, mas da falta de resolução e de coragem necessárias para utilizar seu entendimento sem a tutela de outro. Sapere aude!*<sup>3</sup> Tenha a coragem de te servir de teu próprio entendimento, tal é portanto a divisa do

<sup>3</sup> "Ousa saber!" Horácio, *Epistulae*, livro 1, carta 2, verso 40.

<sup>4</sup> KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?** (5 de dezembro de 1783),

Traduzido por Luiz Paulo Rouanet.

<sup>5</sup> Idem.

#### Esclarecimento.4

Cabe ao HOMEM – como sujeito, como indivíduo e como ser-social

CONSTRUIR O CONHECIMENTO

É PRECISO CONSTRUIR O CONHECIMENTO PARA ALÉM DAS CONDIÇÕES INDIVIDUAIS

NÃO EXISTE CONHECIMENTO PESSOAL

NEM CONHECIMENTO INDIVIDUAL

A sociedade atual tirou dela mesma A CAPACIDADE DE CONHECER

Por isso

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma parte tão grande dos homens, libertos há muito pela natureza de toda tutela alheia (*naturaliter majorenes*), comprazem-se em permanecer por toda sua vida menores; e é por isso que é tão fácil a outros instituírem-se seus tutores. É tão cômodo ser menor. Se possuo um livro que possui entendimento por mim, um diretor espiritual que possui consciência em meu lugar, um médico que decida acerca de meu regime, *etc.*, não preciso eu mesmo esforçar-me. Não sou obrigado a refletir, se é suficiente pagar; outros se encarregarão por mim da aborrecida tarefa. Que a maior parte da humanidade (e especialmente todo o belo sexo) considere o passo a dar para ter acesso à maioridade como sendo não só penoso, como ainda perigoso, é ao que se aplicam esses tutores que tiveram a extrema bondade de encarregar-se de sua direção. Após ter começado a emburrecer seus animais domésticos e cuidadosamente impedir que essas criaturas tranquilas sejam autorizadas a arriscar o menor passo sem o andador que as sustenta, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentam andar sozinhas. Ora, esse perigo não é tão grande assim, pois após algumas quedas elas acabariam aprendendo a andar; mas um exemplo desse tipo intimida e dissuade usualmente toda tentativa ulterior.5

Fomos libertos das AMARRAS DA TUTELA DA NATUREZA

Mas continuamos ignorantes

## AULA 2

### Conhecimento e caos: processo de aquisição e condições de aprendizagem

A CONSCIÊNCIA HUMANA SE DIRIGE A UMA INTENÇÃO

CONHECER O MUNDO É ESTAR NO MUNDO – SITUAR-SE NO MUNDO COMO INDIVÍDUO E COMO SER DE CONHECIMENTO

Conhecemos tantas coisas sem explicação, conhecemos e aprendemos todos os dias, pela observação, pelo contato, pela relação, pela imitação, pelas necessidades sociais e humanas

Situar-se no mundo é CONSTRUIR SENTIDOS PARA O PRÓPRIO SER E A PRÓPRIA CONDIÇÃO SOCIAL

Por isso, o Conhecimento no Caos é, de certa forma contra o PRÓPRIO CAOS

O MUNDO É CAÓTICO, na verdade, o Caos é o elemento constitutivo das relações

Significa dizer que há uma sociedade marcada pelo IMPONDERÁVEL e IMPREVISÍVEL

MAS O CAOS DEVE SER PENSADO E ORGANIZADO

O CAOS PROVOCA O HOMEM A ORGANIZAR NO PENSAMENTO A ESTRUTURA DA REALIDADE

PARA OBTER ALGUM CONTROLE SOBRE O PRÓPRIO CAOS

MITO, RELIGIÃO, FILOSOFIA, ARTE, POLÍTICA, ECONOMIA, IDEOLOGIA, CIÊNCIA

São condições humana para COMPREENDER E ORGANIZAR O CAOS

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 17.

O caos aprisiona o homem não apenas na sua ignorância mas também o aprisiona nas forças da NATUREZA

Daí a necessidade de que o CONHECIMENTO SOBRE O MUNDO E A NATUREZA SE TRANSFORMA EM DOMINAÇÃO

UM DOS ASPECTOS MAIS PERIGOSOS DO CONHECIMENTO É A DOMINAÇÃO

O CAOS é INCONCEBÍVEL AO SER HUMANO

Pensar o MUNDO só é possível a PARTIR DAS RELAÇÕES DETERMINADAS

SÃO RELAÇÕES PROVOCADAS PELO MUNDO E TAMBÉM PELO SER HUMANO

A maior parte dessas relações É INVOLUNTÁRIA

Somos VÍTIMAS E RECEPTORES DA MAIOR PARTE DAS RELAÇÕES

O COTIDIANO É DESESTRUTURADO E CAÓTICO

### Natureza como fonte de conhecimento

A vida está presente na natureza e esta é a própria vida, composta de inúmeros organismos que têm necessidades. Se as têm, a natureza pode ser considerada um sistema para satisfazer as necessidades de modo geral. Por outro lado, esses organismos estão submetidos às condições materiais impostas pela necessidade concreta, de modo permanente e indubitável. Esses organismos não são capazes de criar condições para superar as necessidades de modo absoluto, criando um estado de total liberdade da matéria. Este estado só pode ser pensado em perspectiva pelo ser humano, mas não realizável no horizonte das relações materiais da existência. Em outras palavras, a materialidade nos condiciona. A relação social-humana com a natureza ocorre dialeticamente num processo aberto em possibilidades e perspectivas.

Quanto aos organismos, sua ação é sempre de preservação e reprodução de sua espécie, num ciclo infinito de repetições. Quando são atingidos por forças imperiosas e exteriores, sua reação é de defesa e em muitos casos, a depender da potência dessas forças, certos organismos podem perecer por completo, por isso, os organismos não têm instrumentos que os defendam do desastre total, perecem de forma absoluta, assim como os sistemas produzidos pela sociedade humana. Estão presos a uma repetição contínua e a uma reprodução necessária. Para eles não se trata de superar a sua dependência, mas de satisfazer necessidades biológicas essenciais. Tudo de que precisam, esses

**organismos encontram na natureza, e a observação nos mostra que há um nível de necessidades que não se modificam nem quantitativa nem qualitativamente. Isto implica dizer que não há escolha, a matéria que os sustenta é sempre da mesma ordem, esses organismos não qualificam a materialização de suas necessidades, diferindo apenas a sua especificidade – cada espécie de organismo tem necessidades próprias e não parece haver variações nessa condição.**

**Assim, esses organismos não qualificam suas necessidades nem as transformam em novas necessidades, em níveis diferentes – a busca por satisfazê-las é sempre a mesma e o ambiente onde encontram a matéria de sua satisfação é delimitado. As variações ocorrem por causa de eventos que mutilam as condições de existência, criando novas exigências, necessárias, para que a espécie encontre mecanismos de defesa e de adequação. Pode haver a imperiosa necessidade de manter a vida em todas as circunstâncias adversas, se houver a insuficiência material, algo pode provocar tentativas de adaptação em outros ambientes, mas esses ambientes não são opostos daqueles onde os organismos se desenvolveram. Não há opções. Sua memória é instintiva e não há memória cumulativa que possibilite saltos em níveis superiores que exijam, por ventura, comparações entre períodos históricos que indiquem evolução das necessidades. Ao serem eliminadas as condições materiais que garantem a vida, experimenta-se o perecimento. Adaptações são possíveis à medida que tais organismos experimentam mutações que os habilitam às novas condições materiais ou migrações em busca da matéria substantiva para satisfazer necessidades imperiosas.<sup>2</sup>**

<sup>2</sup> MYKONIOS, Atanásio. **Crítica da Necessidade: da dependência sistêmica à impossibilidade histórica**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2016. 334 f., pp 53-54.

<sup>3</sup> BERNARDO, João. **Para uma teoria do modo de produção comunista**. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 1975, pp. 53-54.

<sup>4</sup> MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998, pp. 10-11.. (Clássicos)

O HOMEM É NATUREZA

MAS A NATUREZA NÃO DEPENDE DO HOMEM

O homem se faz ser humano na relação com a natureza

Mas sua relação com a natureza não é individualizada ou singular

A relação com a natureza é FUNDAMENTALMENTE SOCIAL

O ser humano se faz HOMEM-SOCIAL NA RELAÇÃO INTRÍNSECA COM A NATUREZA

Por quê?

Que um modo de produção constitui uma estrutura global de relações sociais recíprocas e de relações dos homens com a natureza (...) a forma por que os homens se relacionam num dado modo de produção determina a própria lei dessa relação, a qual vem a assimilar a si todas as formas da estrutura global.<sup>3</sup>

Ou seja, o CONHECIMENTO QUE O HOMEM-SOCIAL ADQUIRE É CONSTRUÍDO NAS RELAÇÕES DE NECESSIDADE

O homem-social se aproxima da NATUREZA por causa de suas necessidades

Portanto, a NECESSIDADE do HOMEM-SOCIAL possibilita a CONDIÇÃO para o CONHECIMENTO

Sem a relação com a NATUREZA, NÃO PODE HAVER NENHUMA FORMA DE CONHECIMENTO

NATUREZA – NECESSIDADE – PRODUÇÃO – SATISFAÇÃO – CULTURA – CONHECIMENTO

A maneira como os homens produzem seus meios de existência depende, antes de mais nada, da natureza dos meios de existência já encontrados e que eles precisam reproduzir. Não se deve considerar esse modo de produção sob esse único ponto de vista, ou seja, enquanto reprodução da existência física dos indivíduos. Ao contrário, ele representa, já, um modo determinado da atividade desses indivíduos, uma maneira determinada de manifestar sua vida, um *modo de vida* determinado. A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o *que* eles produzem quanto com a maneira *como* produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção.<sup>4</sup>

Sem TER o homem não pode CONHECER.

Tudo lhe foi dado, mas é preciso que ele CONHEÇA O MUNDO QUE LHE FOI DADO

Para isso, o CONHECIMENTO É UM CONJUNTO DE FATORES

- Tentativa: acerto e erro; - Repetição; - Aprendizagem; - Método; - Técnica; - Adestramento; - Condicionamento; - Memória; - Teoria; - Ciência; - Abstração

### Aula 3 CONHECIMENTO E PRÁTICA

O conhecimento é um modo de organizar o Concreto que se torna pensado

O conhecimento é PODER

FORMULAÇÃO DO CONHECIMENTO EM FORMA DE PODER = IDEOLOGIA

A ideologia se confunde com toda forma de ideia que surge ou que vaga pelo mundo

AS IDEIAS SÃO REPRESENTAÇÕES DO MUNDO NA SUA PRATICIDADE

MAS POR QUE AS IDEIAS TÊM PODER?

Na verdade, as ideias por si não têm poder algum. É quando as ideias refletem um conjunto de mecanismos que LEGITIMAM um estado de coisas

Então as ideias passam a dominar a ação concreta dos seres humanos

Nem toda IDEIA é ideologia

Mas toda ideologia contem um CONJUNTO DE IDEIAS que se tornam poderosas

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa dada sociedade é também a potência dominante espiritual. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe igualmente dos meios de produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles a quem são recusados os meios de produção intelectual está submetido igualmente à classe dominante. Os pensamentos dominantes são apenas a expressão ideal das relações que fazem de uma classe a classe dominante; dizendo de outro modo, são as ideias do seu domínio. Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem entre outras coisas uma consciência, e é em consequência disso que pensam; na medida em que dominam enquanto classe e determinam uma época histórica em toda a sua extensão, é lógico que esses indivíduos dominem em todos os sentidos, que tenham, entre outras coisas, uma posição dominante como seres pensantes, como produtores de ideias, que regulamentem a produção e a distribuição dos pensamentos de sua época; as suas ideias são, portanto, as ideias dominantes da sua época. (Marx & Engels, 1998, pp. 48-49)

A IDEOLOGIA É UM GRANDE GUARDA-CHUVA QUE ABRIGA O CONHECIMENTO SOCIAL

MAS O SER HUMANO VIVE E ATUA

O conhecimento humano é também AÇÃO – ATUAÇÃO

Agimos constantemente = atuamos sobre o mundo

MAS

GERALMENTE NÃO TEMOS NOÇÃO DE NOSSAS AÇÕES

QUASE SEMPRE ELAS SÃO DESPRENDIDAS DA REALIDADE

O CONHECIMENTO DEVE NOS LEVAR A AGIR

HÁ UM CONCEITO SOBRE O CONHECIMENTO

PURAMENTE TÉCNICO

PRECISAMOS CONHECER PARA TRABALHAR E AGIR PARA GANHAR DINHEIRO

Por isso

Estamos distantes do mundo do fazer

Agimos constantemente sem poder algum

Nossa ação em geral se reveste de um AUTOMATISMO CONSTANTE  
REPRODUZIMOS AS COISAS  
REPRODUZIMOS OS MESMOS CONHECIMENTOS  
NÃO HÁ NOVOS CONHECIMENTOS QUE TRANSFORMEM O MUNDO

Conhecer é conhecer objetos que se integram na RELAÇÃO entre HOMEM E MUNDO, ou entre o homem e a natureza, que se estabelece graças à atividade prática humana. (Sánchez Vázquez, 2007, p. 144)

O CONHECIMENTO TEM UM FIM  
CONHECER PARA AGIR  
O HOMEM CONHECE O MUNDO E NELE AGE  
AGE PARA TRANSFORMÁ-LO  
ELE ESTÁ EM RELAÇÃO COM O MUNDO  
MAS ESTÁ NELE  
O MUNDO EXISTE ANTES DO HOMEM  
O HOMEM PODE SIMPLEMENTE CONCORDAR O COM O MUNDO EM QUE VIVE  
OU PODE NÃO CONCORDAR  
PRECISA ENTÃO DE CONHECÊ-LO

Se a práxis é fundamento do conhecimento, isto é, se o homem apenas conhece um mundo na medida em que é objeto ou produto de sua atividade, e se, além disso, apenas o conhece porque atua, praticamente, e graças à sua atividade real transformadora, isso significa que o problema da verdade objetiva, ou seja, se nosso pensamento concorda com as coisas que preexistem a ele, não é um problema que possa ser resolvido teoricamente, em um mero confronto teórico de nosso conceito com o objeto, ou de meu pensamento com outros pensamentos. Isto é, não se pode fundar a verdade de um pensamento se não se sai da própria esfera do pensamento. (Sánchez Vázquez, 2007, p. 145)

AGIMOS, SEMPRE, NÃO SOMOS PASSIVOS, NUNCA  
MAS AGIMOS DE QUE FORMA?  
A ATIVIDADE HUMANA É CONSTANTE SOBRE TODAS AS COISAS E SOBRE O MUNDO  
O HOMEM CONHECE EM PARTE O MUNDO EM QUE ESTÁ  
EM PARTE NÃO

O homem age conhecendo, da mesma maneira que se conhece agindo. (p. 224)  
O HOMEM ENTENDE, MAS A COMPREENSÃO É UM ATO COMPARTILHADO

O Conhecimento está presente em tudo  
Tudo que fazemos encerra CONHECIMENTO  
À nossa volta tudo é cercado de CONHECIMENTO – E TEORIA  
EM TUDO HÁ TEORIA  
E QUANDO AGIMOS, TAMBÉM SOBRE BASES TEÓRICAS – ISSO É NECESSÁRIO

Contudo,

Precisamos entender que há um propósito nas relações de conhecimento  
Ao mesmo tempo em que há relações CAÓTICAS de conhecimento  
HÁ CONHECIMENTOS QUE VISAM A UMA REPRODUÇÃO SOCIAL

A atividade da consciência em si em si tem um caráter que podemos denominar teórico, uma vez que não pode conduzir por si só, como mera atividade da consciência, a uma transformação da realidade, natural ou social. Quer se trate da formulação de fins ou da produção de conhecimentos, a consciência não ultrapassa seu próprio âmbito; isto é, sua atividade não se objetiva ou materializa. Por essa razão, tanto uma como outra são atividades; não são, de modo algum, atividade objetiva, real, isto é, *práxis*. (Sánchez Vázquez, 2007, p. 225)

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Filosofia da práxis**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLASCO; São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007. (Coleção Pensamento Social Latino-Americano)

**MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. Tradução Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Clássicos)**

**AULA 4**  
**PENSAMENTO E LINGUAGEM**

Como se processa o pensamento?

Há no pensamento um mecanismo funcional, a partir do qual se desenvolvem as outras atividades da mente humana

Inicialmente, o pensamento se constitui de um processo mecânico  
A pessoa pensa em forma de Imagens, Sons e Palavras  
Ela projeta na mente, numa espécie de PROJETO, as imagens  
Cada palavra é uma imagem e cada imagem inicialmente é uma palavra  
A pessoa, quando pensa, VÊ o que pensa  
Além de Ver o que pensa, na forma de PROJEÇÃO, a pessoa fala consigo mesma  
Cada palavra, internamente, é projetada e tem também o seu SOM  
Por isso, para os gregos, a coisa mais importante era a LUZ  
PORQUE SOMENTE COM A LUZ É POSSÍVEL VER O QUE É PROJETADO  
As IMAGENS constituem um QUADRO  
A pessoa pensa e VÊ O QUADRO À SUA FRENTE PROJETADO NA TELA

As ideias são as formas das imagens  
As imagens constituem-se em forma de CONCEITOS  
Os CONCEITOS representam os CONTEÚDOS DAS IDEIAS  
AS IMAGENS constituem um quadro estruturado

Nesse processo, a LINGUAGEM exerce papel importante  
Ela é uma construção social contínua em permanente transformação  
A LINGUAGEM é o mecanismo social do pensamento  
Ela articula elementos que estão presentes não apenas na fala, mas na ESTRUTURA DO CONHECIMENTO  
A LINGUAGEM É A CAPACIDADE DE COMUNICAR O QUE NÃO SE VÊ  
Comunicamos aquilo que não vemos e transmitimos para outros  
Os outros também não veem o que comunicamos, mas recebem as IMAGENS, as PALAVRAS e as transformam em  
seus PRÓPRIOS QUADROS, estruturando o seu próprio PENSAMENTO  
Portanto,  
A LINGUAGEM se estende ao campo da CRENÇA  
É preciso acreditar no que não se VÊ e transformar em algo que se VÊ  
É como um PACTO SOCIAL INVISÍVEL  
E que todos o seguem, conforme sua condição na sociedade  
A LINGUAGEM NÃO SE ADQUIRE APENAS APRENDENDO A FALAR  
O MAIS IMPORTANTE É QUE A LINGUAGEM NOS ENSINA A PENSAR

O pensamento SEGUE A TRILHA DO SER

AQUILO QUE É, QUE DEVE SER, ANTES DE SE TORNAR OUTRA COISA  
O pensamento é um caminho contínuo, um DEVIR que não se esgota em si mesmo

Assim,

O PENSAMENTO não é PROPRIEDADE de uma pessoa  
É a construção SOCIAL, que se encontra nas relações históricas  
Que envolve cultura, materialidade e a abstração  
O SER HUMANO VIVE CONTINUAMENTE NA RELAÇÃO ENTRE O MATERIAL E O ABSTRATO  
A materialidade condiciona a nossa abstração  
No entanto, somos seres também que constroem abstrações, que são necessárias para a vida mental de cada um  
Abstração é a nossa capacidade de arrancar da realidade material as ideias, os conceitos e mantê-los vivos, como se de fato existissem, por meio das construções sociais, dos valores, das crenças, das relações de poder, estão presentes inclusive no nosso comportamento diário, conduzem as nossas ações.  
A ABSTRAÇÃO SÓ FOI POSSÍVEL PORQUE TEMOS A MAIOR CAPACIDADE DE ARMAZENAMENTO MENTAL DE INFORMAÇÕES DO PASSADO  
Conjugamos a experiência concreta com a abstração.  
Em muitos casos A ABSTRAÇÃO PASSA A SER MAIS IMPORTANTE DO QUE A EXPERIÊNCIA CONCRETA QUE OCORRE NO TEMPO PRESENTE, NAQUILO QUE É IMEDIATO  
EM OUTRAS PALAVRAS, a nossa MEMÓRIA é PRIVILEGIADA e pode armazenar e nós podemos carregar todas as informações na MEMÓRIA e processá-las quando somos provocados a isso.  
Cada IMAGEM, cada IDEIA, cada CONCEITO, cada CONTEÚDO é fruto de um processo social que permeia a mente de cada indivíduo

O PENSAMENTO, inicialmente, é constituído linearmente, as palavras, as imagens, os sons, são postos numa linha racional, NECESSÁRIA para que a pessoa veja o FLUXO das suas imagens

Ao compor as IMAGENS e as PALAVRAS, tem-se o CONJUNTO

A PARTIR DESSE CONJUNTO, A PESSOA ESTABELECE OS NEXOS E AS CONEXÕES  
Começa a ARTICULAR as estruturas das IMAGENS e vai dando novos CONTEÚDOS com suas respectivas FORMAS

É A PARTIR DESSE PROCESSO QUE O SER HUMANO SE ENGAJA NO CONHECIMENTO

Conhecer é, sobretudo, desenvolver cada vez mais a capacidade de ARTICULAR:

As imagens que estão na MEMÓRIA  
Os CONCEITOS que são construídos socialmente  
Permanecer no CAMPO VISÍVEL DA LINGUAGEM  
SABER ARTICULAR O CONCRETO COM AS ABSTRAÇÕES  
AMPLIAR OS CAMPOS DE VISÃO  
Articular novos ELEMENTOS PARA OS PROBLEMAS QUE SURGEM  
Dialogar com esses elementos e se ABRIR PARA O NOVO  
O CONHECIMENTO É O NOVO CONSTRUÍDO

Por um lado essa CONSTRUÇÃO leva em conta toda a EXPERIÊNCIA e todo ARMAZENAMENTO QUE TEMOS

Por outro lado, TRATA-SE DA DESTRUÇÃO DO CONHECIDO PARA MERGULHARMOS NO DESCONHECIDO

O DESCONHECIDO É O NOVO CONHECIMENTO QUE SE APRESENTA, SE MANIFESTA

O NOVO É A POSSIBILIDADE DE DESTRUÇÃO DAS CONDIÇÕES ATUAIS, COM A CONTRADIÇÃO DE QUE SÓ É POSSÍVEL A PARTIR DE ALGO CONHECIDO QUE DEVE SER DESTRUÍDO.

O NOVO É TÃO DESCONHECIDO QUE SE TORNA UM EMPECILHO PARA A EXISTÊNCIA HUMANA, INDIVIDUAL E SOCIAL

Portanto,

O CONHECIMENTO REQUER CONSCIÊNCIA SOCIAL  
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA  
ELE NÃO É NEUTRO  
**OBEDECE A UM PROCESSO DE RELAÇÕES DE PODER**

AULA 5 -  
NÃO EXISTE A ATENÇÃO ENQUANTO ATIVIDADE GERAL E FORMAL

- existe em cada caso uma certa liberdade a adquirir
- existe também um certo espaço mental a ser preparado

A primeira percepção do objeto é uma mudança de estrutura da consciência  
É o estabelecer de uma nova dimensão da experiência  
O *a priori* se desdobra

Prestar atenção = não se trata apenas de iluminar dados já existentes = é realizar sobre os dados uma nova articulação como FIGURAS

“O milagre da consciência é fazer aparecer pela atenção fenômenos que restabelecem a unidade do objeto em uma dimensão nova, no momento em que eles a destroem.” (59)

Atenção = constituição ativa de um objeto novo que explicita e tematiza aquilo que até então só se oferecera como horizonte indeterminado

Assim = o resultado de um ato de atenção não está no seu começo, mas sim no seu fim

“O mundo exato, inteiramente determinado, ainda é posto primeiramente, sem dúvida não mais como a causa de nossas percepções, mas como seu fim imanente” (59-60)

CONHECIMENTO = SISTEMA DE SUBSTITUIÇÕES

Uma impressão anuncia outras  
E não dá razão delas

Palavras levam a esperar sensações  
Palavras carregam sensações  
Palavras carregam sentimentos  
Palavras que levam a esperar outras palavras  
Conclusões nos levam a esperar outras conclusões

O conhecimento é o processo no qual verdades substituem outras verdades, palavras vêm substituir outras palavras, num movimento contínuo

O percebido, dessa forma, é uma constelação de imagens  
Tais imagens reaparecem sem razão

**COMPREENDER É UMA IMPOSTURA OU UMA ILUSÃO**

Portanto,

O conhecimento nunca tem DOMÍNIO SOBRE SEUS OBJETOS  
O espírito funciona como uma máquina de calcular  
O espírito cria sempre a ILUSÃO DO TODO!  
Não sabe porque seus resultados são verdadeiros

SENSAÇÃO

Sua filosofia é a do NOMINALISMO  
Redução do sentido ao CONTRASENSO da semelhança confusa

- o conhecimento deveria iniciar e terminar com sensações e imagens
- estas aparecem em um horizonte de sentido
- a significação do percebido está pressuposta em todas as associações
- o campo perceptivo é composto por “coisas” e de “vazio entre coisas”
- vemos como coisas conjuntos que nunca se moveram: casa, sol, montanha = é preciso uma estaticidade na imagem
- se os intervalos entre coisas fossem considerados como coisas, o aspecto do mundo seria sensualmente mudado =

HAVERIA OUTRO MUNDO

Dessa forma, percebemos um CONJUNTO COMO COISA

Este é o primeiro momento

Em seguida vem a ATITUDE ANALÍTICA

E depois distinguem-se as semelhanças e as contiguidades

A contiguidade e a semelhança não são anteriores à constituição do conjunto, até mesmo para o que diz respeito para a teoria da Forma

A boa Forma só se realiza em um modelo METAFÍSICO

A ordem ou a necessidade à ordem resolve o problema de uma inquietação ou um mal-estar

ORGANIZA OS ELEMENTOS QUE NÃO TÊM UMA RAZÃO QUANDO O OBJETO SE APROXIMA  
Isto significa que os objetos não se apresentam todos a uma mesma distância, alguns estão mais distantes, outros se movem outros estão a uma distância fixa... há um movimento que gera, de outro lado, a perspectiva de um processo dialético entre nós e os objetos. Precisamos identificá-los

A SINOPSE torna possível a contiguidade (continuidade do objeto, que esteve a 10 m e agora está a meio metro)

#### POR ISSO PERCEBER É RECORDAR

Pois o mundo já nos é dado na forma da linguagem

E tudo o que nos é dado no presente, vem de um passado

E no passado é que construímos o mundo de experiências

E nas experiências armazenam-se os conhecimentos e os conceitos

A recordação preenche lacunas, traz do passado elementos imprescindíveis para a ordem do presente

A recordação completa a percepção = exatamente pela fisionomia dos dados

O que se revela no presente não é um novo absoluto

O quadro precisa e deve ser dado de tal forma que possa ser reconhecido

O que se nos apresenta é de certa forma sempre reconhecido de forma organizada

O apelo à recordação = COLOCAÇÃO EM FORMA DE DADOS

Há sempre a imposição de sentidos que são trazidos do passado

É a imposição de um sentido DADO AO CAOS SENSÍVEL

VEMOS ATRAVÉS DOS ÓCULOS DA MEMÓRIA

Figura, fundo, coisa, horizontes do passado = estruturas de consciência irreduzíveis

“O empirismo conservará sempre o recurso de tratar este a priori como o resultado de uma química mental “(p. 48)

Toda coisa se oferece sobre um fundo que não é uma coisa

O presente se coloca entre dois horizontes = passado e futuro

As palavras todas como figura, fundo, coisa, presente, etc. = experiência de uma perspectiva espacial e temporal = leva ao apagamento da recordação = apagam-se as impressões marginais

Os processos físicos parecerão mais reais do que a figura histórica do próprio mundo

Para a maior parte de nós, a natureza é apenas um ser vago e distante, sufocado pelas cidades, pelas ruas, pelas casas, e sobretudo pela presença dos outros homens. Ora, para o empirismo, os objetos “culturais” e os rostos devem sua fisionomia, sua potência mágica, a transferências e a projeções de recordações; o mundo humano só tem sentido por acidente. (Merleau-Ponty, 1999, p. 49)

Não há nada no aspecto sensível de uma paisagem, de um objeto ou de um corpo que o predestine a ter um ar “alegre” ou “triste”, “vivo” ou “morto”, “elegante” ou “agressivo”. Definindo mais uma vez aquilo que percebemos pelas propriedades físicas e químicas dos estímulos que podem agir em nossos aparelhos sensoriais, o empirismo exclui da percepção a cólera ou a dor que todavia eu leio em um rosto, a religião cuja essência eu apreendo em uma hesitação ou em uma reticência, a cidade cuja estrutura todavia eu conheço em uma atitude do funcionário ou no estilo de um monumento (Merleau-Ponty, 1999, p. 49-50)

É absurdo que a natureza seja o objeto primeiro da percepção = é posterior à experiência dos objetos culturais = é um deles  
O mundo natural não se confunde com o objeto científico

No Mundo das estruturas de informação e comunicação, nos perdemos num emaranhado que não nos educa para a ATENÇÃO.

Somos DISPERSOS e o CONHECIMENTO se torna um estado mental do ENTRETENIMENTO

#### A sociedade da IMAGEM

A imagem é o novo CONHECIMENTO SOCIAL

A tecnologia como expressão da IMAGEM

A IMAGEM EM MOVIMENTO APRESENTA O CONHECIMENTO

ELIMINA-SE A DIALÉTICA ENTRE ESSÊNCIA E APARÊNCIA

COMUNICAR O CONHECIMENTO

CONHECER A COMUNICAÇÃO

O MUNDO VIRTUAL E O CONHECIMENTO

A PALAVRA PASSA A DAR LUGAR À COMUNICAÇÃO DA IMAGEM

NÃO TEMOS VONTADE PARA CONHECER

O MUNDO DAS IMAGENS É O MUNDO DO PRAZER SENSÍVEL

NOSSA DIFICULDADE RESIDE NA ATENÇÃO

## 2

As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida e fundem-se num curso comum, de forma que a unidade da vida não mais pode ser restabelecida. A realidade considerada *parcialmente* reflete em sua própria unidade geral um pseudo mundo *à parte*, objeto de pura contemplação. A especialização das imagens do mundo acaba numa imagem autonomizada, onde o mentiroso mente a si próprio. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo. (Debord, 2003,

p. 13-14)

**147**

O tempo da produção, o tempo-mercadoria, é uma acumulação infinita de espaços equivalentes. É a abstração do tempo irreversível, de que todos os segmentos devem provar ao cronômetro a sua única igualdade quantitativa. Este tempo é, em toda a sua realidade efetiva, o que ele é no seu caráter *permutável*. É nesta dominação social do tempomercadoria que «o tempo é tudo, o homem não é nada: é quando muito a carcaça do tempo» (*Miséria da Filosofia*). É o tempo desvalorizado, a inversão completa do tempo como «campo de desenvolvimento humano». (Debord, 2003, p. 121)

**194**

O conjunto dos conhecimentos, que continua a desenvolver-se atualmente como *pensamento do espetáculo*, deve justificar uma sociedade injustificável, e constituir-se em ciência geral da falsa-consciência, inteiramente condicionada pelo fato de não poder nem mesmo querer pensar na sua própria base material no sistema espetacular. (Debord, 2003, p. 149)

**195**

O próprio pensamento da organização social da aparência está obscurecido pela *subcomunicação* generalizada que ele defende. Ele não sabe que o conflito está na origem de todas as coisas do seu mundo. Os especialistas do poder do espetáculo, poder absoluto no interior do seu sistema de linguagem mão única, estão absolutamente corrompidos pela sua experiência do desprezo e do êxito do desprezo; porque reencontram o seu desprezo confirmado pelo conhecimento do *homem desprezível* que é realmente o espectador. (Debord, 2003, p. 149)

Assim, o conhecimento científico perde sentido

Vivemos A CIÊNCIA SEM CONHECIMENTO

Puro VAZIO HISTÓRICO QUE SERVE PARA REPRODUZIR A SOCIEDADE DA ABUNDÂNCIA

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução em português a cargo de [www.terraviva.pt/IlhadoMel/1540](http://www.terraviva.pt/IlhadoMel/1540). Fonte Digital base Digitalização da edição em PDF originária de [www.geocities.com/projetoperiferia](http://www.geocities.com/projetoperiferia), 2003. (Projeto Periferia)

**MERLEAU-PONTY. Maurice. Fenomenologia da percepção. 2. ed., Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, São Paulo: Martins Fontes, 1999 (Tópicos).**

**AULA 6**  
**DIALÉTICA**

Relação  
Dependência  
Conflito e Confronto  
Oposição  
Identidade  
Contradição (Contra-Adição)  
Negação  
Movimento x Repouso

A DIALÉTICA é a forma do conhecimento da realidade  
Razão para compreender a relação  
Da relação à contradição  
Da contradição ao movimento  
Do movimento à decisão = DE-CISÃO de como resolver a contradição

Pela anulação  
Pela negação e conciliação  
Pela luta da identidade  
Pela transformação

ESPÍRITO SUBJETIVO – ESPÍRITO OBJETIVO – ESPÍRITO ABSOLUTO  
Em-si – Para-si – Em-si-e-para-si  
NEGAÇÃO DA NEGAÇÃO

A dialética como CONCILIAÇÃO  
O MOVIMENTO CONTÍNUO = SER E MOVIMENTO = SER EM MOVIMENTO  
Os três momentos da História  
A Família  
A Sociedade  
O Estado  
A questão de Hegel é política  
A expressão do ESPÍRITO ABSOLUTO É O ESTADO

**A Realidade é o Pensamento e o Pensamento é a Realidade**

A separação entre o ser em si e o ser para si que no finito se produz constitui, simultaneamente, a sua existência bruta e a sua aparência (como no exemplo que mais adiante encontraremos a propósito da vontade natural e do direito formal). Limitando-se à pura existência em si, o intelecto chama à liberdade uma faculdade pois, para aquela espécie de ser, ela apenas constitui efetivamente uma possibilidade. Ora, o intelecto considera esta determinação como absoluta e definitiva, encerra-a na relação ao que ela quer, à realidade em geral, como aplicação a uma matéria dada que não pertenceria à essência da mesma liberdade. Assim se limita o intelecto ao que há de abstrato na liberdade sem alcançar a sua ideia e a sua verdade. (Hegel, 1997, p. 19)

**Hegel estende todo o seu pensamento teórico à totalidade existente**

78 - [Das natürliche] A consciência natural vai mostrar-se como sendo apenas conceito do saber, ou saber não real. Mas à medida que se toma imediatamente por saber real, esse caminho tem, para ela, significação negativa: o que é a realização do conceito vale para ela antes como perda de si mesma, já que nesse caminho perde sua verdade. Por isso esse caminho pode ser considerado o caminho da *dúvida* [Zweifeln] ou, com mais propriedade, caminho de desespero [Veizweiffung]; pois nele não ocorre o que se costuma entender por dúvida: um vacilar nessa ou naquela pretensa verdade, seguido de um conveniente desvanecer-de-novo da dúvida e um regresso àquela verdade, de forma que, no fim, a Coisa seja tomada como era antes. (Hegel, 1992, p. 66)

Ao contrário, a dúvida [que expomos] é a penetração consciente na inverdade do saber fenomenal; para esse saber, o que há de mais real é antes somente o conceito irrealizado. Esse cepticismo, que atingiu a perfeição, não é, pois, o que um zelo severo pela verdade e pela ciência tem a ilusão de ter aprontado e aparelhado para elas, a saber: o *propósito* de não se entregar na ciência à autoridade do pensamento alheio, e só seguir sua própria convicção ou melhor ainda: tudo produzir por si mesmo, e só ter o seu próprio ato como [sendo] o verdadeiro. (Hegel, 1992, pp. 66-67)

A série de figuras que a consciência percorre nesse caminho é, a bem dizer, a história detalhada da *formação* para a ciência da própria consciência. Aquele "propósito" apresenta essa formação sob o modo simples de um propósito, como imediatamente feita e sucedida. Frente a tal inverdade, no entanto, esse caminho é o desenvolvimento efetivo. Seguir sua própria opinião é, em todo o caso, bem melhor do que abandonar-se à autoridade; mas com a mudança do crer na autoridade para o acreditar na própria convicção, não fica necessariamente mudado o conteúdo mesmo; nem a verdade, introduzida em lugar do erro. A diferença entre apoiar-se em uma autoridade alheia, e firmar-se na própria convicção – no sistema do *Visar* e do preconceito – está apenas na vaidade que reside nessa segunda maneira. Ao contrário, o cepticismo que incide sobre todo o âmbito da consciência fenomenal torna o espírito capaz de examinar o que é verdade, enquanto leva a um desespero, a respeito de representações, pensamentos e opiniões

pretensamente naturais. É irrelevante chamá-los próprios ou alheios: enchem e embaraçam a consciência, que procede a examinar *diretamente* [a verdade], mas que por causa disso é de fato incapaz do que pretende empreender. (Hegel, 1992, p. 67)

### História

Não é apenas o conjunto de fatos. É a exposição racional dos fatos. A razão está na história.

Portanto, apenas o estudo da história do mundo em si pode mostrar que ela continuou racionalmente, que ela representa a trajetória racionalmente necessária do Espírito do Mundo, Espírito este cuja natureza é sempre a mesma, mas cuja natureza única se desdobra no curso do mundo. Este, como eu disse, deve ser o resultado da história. (p. 54)

Para início de conversa, deve-se observar que a história do mundo está no domínio do Espírito. A palavra "mundo" inclui a natureza física e a natureza psíquica. A natureza física desempenha um papel na história do mundo e, desde o começo, devemos chamar a atenção para as relações naturais fundamentais envolvidas nisso. Mas o Espírito e o rumo de seu desenvolvimento são a matéria da história. Não devemos contemplar a natureza como um sistema racional em si, em seu domínio particular, mas apenas em sua relação para com o Espírito. (p. 61)

### O Espírito, ao se conhecer, realiza a História

O problema de Marx é o Capitalismo e não o modo de compreender a realidade vazia  
Ele tem de compreender como se processa a realidade do ponto de vista LÓGICO E HISTÓRICO  
O que Marx realiza é uma TEORIA DO CONHECIMENTO SOBRE O SISTEMA DO CAPITAL

- = não se deixar levar por semelhanças superficiais
- = chegar à essência da questão
- = premissas metodológicas fundamentais

Setembro de 1857

Método da economia política

- Ir do abstrato ao concreto = único método científico adequado
- Apropriar-se do concreto e depois reproduzi-lo como CONCRETO PENSADO

(Mas o abstrato contém uma parte do concreto historicamente)

- Concreto = síntese das múltiplas determinações = UNIDADE DO DIVERSO
- Pensamento só compreende o concreto na forma de um processo que leve à síntese
- A primeira síntese é o abstrato que se apresenta na forma de unidade = totalidade
- A totalidade é composta de relações que nos colocam diante de contradições

Processo de síntese = RECONSTRUÇÃO PROGRESSIVA DO CONCRETO a partir as determinações primeiras colocadas pela ABSTRAÇÃO = abstração mais simples possível

Como enxergar a realidade...

A realidade = CONCRETO + ABSTRAÇÃO

Análise científica não pode começar pelo real e concreto (ou pelas condições reais) = ENXERGA UMA IMAGEM DIFUSA

DA REALIDADE

- População = imagem difusa = abstração
- Classes = imagem difusa = abstração
- É preciso então penetrar as relações que compõem o quadro difuso, a abstração
- Começar pela população teríamos uma representação caótica do conjunto

Construção do conhecimento

- Buscar maior precisão
- Chegar a conceitos mais simples
- Concreto re-presentado a abstrações cada vez mais sutis
- Para alcançar determinações mais simples = as relações como elas são
- Começar a trajetória de volta até reencontra a população
- A realidade da população é enriquecida pelo trajeto e pela relação entre concreto e abstrato

Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação. Na primeira via, a representação plena foi volatilizada em uma determinação abstrata; na segunda, as determinações abstratas levam à reprodução do concreto por meio do pensamento. Por isso, Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que sintetiza-se em si, aprofunda-se em si e movimenta-se a partir de si mesmo, enquanto o método de ascender do abstrato ao concreto é somente o modo do pensamento de apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo como um concreto mental. Mas de forma alguma é o processo de gênese do próprio concreto. P. ex., a categoria econômica mais simples, digamos, o valor de troca, supõe a população, população produzindo em relações determinadas; [supõe] também um certo tipo de família – ou comunidade – ou de Estado etc. Não pode jamais existir, exceto como relação abstrata, unilateral (MARX, 2011, p. 54-55).

### Bibliografia

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A Razão na história: uma introdução geral à filosofia da história**. 2. ed., Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2001.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito: Parte 1**. 2. ed. Tradução de Paulo Menezes. Petrópolis: Vozes, 1992.



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI**

[www.ufvjm.edu.br](http://www.ufvjm.edu.br)

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Princípios da filosofia do direito**. Tradução Orlando Vitorino. - São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Clássicos)

MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços de uma crítica da economia política**. Tradução Mário Duayer, Nélio Shineider. São Paulo: Boitempo: Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de Maria Helena Barreiro Alves. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

**AULA 7**  
**O conhecimento científico**

A ciência tem um papel importante e não neutro no processo de construção do conhecimento na sociedade atual. Socialmente, a ciência é observada na aplicação dos produtos consumidos, na constituição de novos procedimentos tecnológicos, na ampliação do progresso material de maquinário, nas condições de produção, etc., as pesquisas são produzidas pelos cientistas, mas aquela romântica condição de que a ciência levaria a humanidade ao paraíso está fora de cogitação – agora o procedimento científico está em toda a parte – científica é a consciência social para a produção em massa.

Tudo que está à volta é produto de teorias, da cadeira às portas, paredes, os instrumentos, as máquinas, tudo está envolto por teorias, na verdade, o ambiente construído pelos seres humanos é varado por teorias de toda espécie, a ciência impregna a totalidade das relações sociais, até mesmo o caminhar pelas ruas, de forma absorta, revela toda uma estrutura complexa de teorias – reduzida ao mundo real, em que a ciência se transforma em instrumento cotidiano silencioso e invisível.

Todos esses conhecimentos são parte das relações de troca, vendidos e comprados, a ciência tem um caráter social de atender necessidades historicamente constituídas no processo das relações de produção e reprodução do sistema do capital, na medida em que é um processo coletivo para o a reprodução da lógica do valor, seu caráter estrito de mercadoria diz respeito aos interesses da sociedade que a produz.

A ciência moderna é a constituição do caráter de modernização da sociedade  
A modernização se reveste pelo âmbito do novo  
No aspecto constitutivo, o novo parece eliminar a história do que foi realizado

Assim, a nova filosofia, que exige diretamente o espírito de conjunto, e que faz prevalecer para sempre, sobre todos os estudos hoje constituídos, a ciência nascente do desenvolvimento social, encontrará necessariamente uma íntima antipatia, ao mesmo tempo ativa e passiva, nos preconceitos e paixões da única classe que poderia diretamente oferecer-lhe um ponto de apoio especulativo, e da qual ela só pode esperar por muito tempo adesões puramente individuais, talvez mais raras aí do que em outras partes. (COMTE, 1978, p. 197)

A ciência teve um papel importante no desenvolvimento social

Mas a ciência não é nem nunca foi neutra

Seu objeto de estudo se transformou em objeto de produção

O conhecimento adquire o papel de status social e sobretudo de ascensão material na sociedade

A ciência sai do seu aspecto de pesquisa pura em benefício da humanidade para se transformar em elemento útil. Hoje a ciência tem utilidade social

Uma estratégia óbvia é aceitar as novas regras e jogar de acordo com elas. Na prática, isso significa submissão aos critérios implacáveis do mercado; significa medir a “utilidade social” dos produtos universitários pela presença de “demanda compensadora”, tratando a experiência que as universidades podem oferecer como uma mercadoria a mais, que ainda tem de lutar por um lugar nas superlotadas prateleiras dos supermercados, esperando sua qualidade ser testada por seu sucesso comercial. (BAUMAN, 2008, p 172)

O mundo moderno deve ser coordenado e controlado pela ciência

O aspecto intelectual da ciência está no fato de que ela se transformou em MITO SOCIAL

Como uma espécie de verdade religiosa

Mas a própria ciência entrou em descrença

Seu caráter POSITIVISTA deu-lhe a categoria de elemento transcendental na história moderna

Tanto em discussões laicas quanto no debate científico, a razão vem sendo comumente considerada uma faculdade intelectual de coordenação, cuja eficiência pode ser aumentada pelo uso metódico e pela remoção de quaisquer fatores não-intelectuais, tais como emoções conscientes ou inconscientes. A razão jamais dirigiu verdadeiramente a realidade social, mas hoje está tão completamente expurgada de quaisquer tendências ou preferências específicas que renunciou, por fim, até mesmo à tarefa de julgar as ações e o modo de vida do homem. (HORKHEIMER, 2002, pp. 14-15)

O conhecimento científico se transformou em uma ciência sem conhecimento, que reproduz a vida das trocas formais do mundo da mercadoria

Conhecer para ganhar

Conhecer para fazer

Conhecer para ascender socialmente

Conhecer para manter o poder

quando Copérnico e Galileu implodiram com o geocentrismo, este conhecimento representou uma libertação dos horizontes obscuros impostos pela teologia católica. Descartes, Bacon e outros pensavam que a ciência não apenas nos emanciparia da estupidez da superstição como também contribuiria para tornar a vida melhor e mais fácil. Hoje, a ciência disputa com as religiões quem é mais obscurantista. Não há racionalidade alguma, tampouco graça, em se clonar um ser humano num mundo em que ainda não resolvemos o problema da fome. A ciência hoje é um ramo da produção, logo, está submetida ao fetichismo do capital, emprestando-lhe uma sombra muito própria. No futuro, se a humanidade ainda existir, terá que desconstruir esta armadilha que se chamou técnica, para reconstruí-la para outros fins da felicidade de todos. (MENEGAT, 2012, p. 80)

Nesse sentido, a racionalidade científica fica a serviço da técnica  
A técnica racional imprime um modelo de produção de coisas e de destruição  
Por meio da técnica podemos identificar:

- O Holocausto
- A corrida armamentista
- O controle social por meio da informação
- O conhecimento estrutural do corpo humano
- O desenvolvimento de proteção biológica ao mesmo tempo em que há uma guerra biológica
- O progresso das máquinas como organização da sociedade moderna
- A modernização das condições e das relações sociais

As próprias aspirações da universidade e de seus membros a um prestígio superior e a um tratamento exclusivo têm sido corroídas nas raízes. Uma das mais resplandecentes plumas no barrete das universidades modernas costumava ser o vínculo entre a aquisição de conhecimento e o refinamento moral. A ciência, acreditava-se, era um poderoso fator de humanização, assim como o discernimento estético e a cultura em geral; a cultura enobrece a pessoa humana e pacifica as sociedades humanas. Depois dos horrores do século XX, ajudados pela ciência, essa fé parece risível, talvez até mesmo criminalmente ingênua. (BAUMAN, 2008, p. 171)

Assim, o desenvolvimento de um conhecimento em TERCEIRA PESSOA  
O DISTANCIAMENTO da ciência em relação ao CONHECIMENTO SOCIAL  
Assim, a ciência não tem de prestar contas de nada nem do ponto de vista ético nem político

Na ideia burguesa de ciência, isto é, na ideia de ciência que supõe que a sociedade capitalista é permanente, esse distanciamento do indivíduo em relação à comunidade é considerado uma virtude. Quanto mais distante o cientista estiver da comunidade que está estudando, tanto melhor. (HOLLOWAY, 2003, p. 96)

O conhecimento tem de ser absolutamente objetivo, impessoal, produtivo, eficiente, estrutural e organizativo

De acordo com esta maneira de pensar, ciência e objetividade são vistas como sinônimos. Estudar algo cientificamente é estudá-lo de maneira objetiva ou, se isso não fosse possível, então o cientista deveria fazer o melhor que pudesse para se aproximar da objetividade, para manter uma distância em relação ao objeto de estudo. Aqui a objetividade significa suprimir até onde seja possível nossa própria subjetividade: considera-se, por definição, que um juízo subjetivo é acientífico. (HOLLOWAY, 2003, p. 96)

Dessa forma:

O conhecimento é na verdade mecanismo eficiente da forma de concorrência global entre empresas e entre sujeitos sociais.

#### Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Tradução José Gradel, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- HERKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. Tradução Uchoa Leite, 2002. HOLLOWAY, John. **Mudar o mundo sem tomar o poder: o significado da revolução hoje**. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Editora Viramundo, 2003.
- MENEGAT, Marildo. **Estudos sobre ruínas**. Rio de Janeiro: Revan: Instituto Carioca de Criminologia, 2012. (Pensamento Criminológico, 18)
- COMTE, Auguste. Discurso preliminar sobre o conjunto do Positivismo. Traduções de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)**

**AULA 8**  
**SOCIEDADE DA IMAGEM**

A sociedade da IMAGEM  
A imagem é o novo CONHECIMENTO SOCIAL  
A tecnologia como expressão da IMAGEM  
A IMAGEM EM MOVIMENTO APRESENTA O CONHECIMENTO  
ELIMINA-SE A DIALÉTICA ENTRE ESSÊNCIA E APARÊNCIA  
COMUNICAR O CONHECIMENTO  
CONHECER A COMUNICAÇÃO  
O MUNDO VIRTUAL E O CONHECIMENTO  
A PALAVRA PASSA A DAR LUGAR À COMUNICAÇÃO DA IMAGEM  
NÃO TEMOS VONTADE PARA CONHECER  
O MUNDO DAS IMAGENS É O MUNDO DO PRAZER SENSÍVEL  
NOSSA DIFICULDADE RESIDE NA ATENÇÃO

Um MUNDO repleto de MÁQUINAS  
A VELOCIDADE elimina a DIALÉTICA  
DISTANCIAMENTO DA MATERIALIDADE  
DO CONCRETO E DA EXISTÊNCIA  
A MAGIA DE UM MUNDO REPLETO DE COISAS

A IMAGEM FALA POR SI  
CONDENSA A INTERPRETAÇÃO, O FATO E A VERDADE  
O MUNDO SE TORNA INDIFERENTE  
OS SUJEITOS SOCIAIS SE TORNAM INDIFERENTES

CONHECIMENTO METAFÍSICO  
CONHECIMENTO LINEAR  
CONHECIMENTO CIRCULAR  
CONHECIMENTO VIRTUALIZADO  
CONHECIMENTO FORA DO CONTROLE

O CONHECIMENTO CIENTÍFICO SE TRANSFORMA EM CONHECIMENTO TÉCNICO  
O mundo das COISAS REFLETE AS COISAS DO MUNDO

**2**

As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida e fundem-se num curso comum, de forma que a unidade da vida não mais pode ser restabelecida. A realidade considerada *parcialmente* reflete em sua própria unidade geral um pseudo mundo *à parte*, objeto de pura contemplação. A especialização das imagens do mundo acaba numa imagem autonomizada, onde o mentiroso mente a si próprio. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo. (Debord, 2003, p. 13-14)

**147**

O tempo da produção, o tempo-mercadoria, é uma acumulação infinita de espaços equivalentes. É a abstração do tempo irreversível, de que todos os segmentos devem provar ao cronômetro a sua única igualdade quantitativa. Este tempo é, em toda a sua realidade efetiva, o que ele é no seu caráter *permutável*. É nesta dominação social do tempomercadoria que «o tempo é tudo, o homem não é nada: é quando muito a carcaça do tempo» (*Miséria da Filosofia*). É o tempo desvalorizado, a inversão completa do tempo como «campo de desenvolvimento humano». (Debord, 2003, p. 121)

**194**

O conjunto dos conhecimentos, que continua a desenvolver-se atualmente como *pensamento do espetáculo*, deve justificar uma sociedade injustificável, e constituir-se em ciência geral da falsa-consciência, inteiramente condicionada pelo fato de não poder nem mesmo querer pensar na sua própria base material no sistema espetacular. (Debord, 2003, p. 149)

**195**

O próprio pensamento da organização social da aparência está obscurecido pela *subcomunicação* generalizada que ele defende. Ele não sabe que o conflito está na origem de todas as coisas do seu mundo. Os especialistas do poder do espetáculo, poder absoluto no interior do seu sistema de linguagem mão única, estão absolutamente corrompidos pela sua experiência do desprezo e do êxito do desprezo; porque reencontram o seu desprezo confirmado pelo conhecimento do *homem desprezível* que é realmente o espectador. (Debord, 2003, p. 149)

Assim, o conhecimento científico perde sentido  
Vivemos A CIÊNCIA SEM CONHECIMENTO  
Puro VAZIO HISTÓRICO QUE SERVE PARA REPRODUZIR A SOCIEDADE DA ABUNDÂNCIA



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI**  
[www.ufvjm.edu.br](http://www.ufvjm.edu.br)

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução em português a cargo de www.terravista.pt/IlhadoMel/1540. Fonte Digital base Digitalização da edição em PDF originária de www.geocities.com/projetoperiferia, 2003. (Projeto Periferia)

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed., Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, São Paulo: Martins Fontes, 1999 (Tópicos).